

**O TERRITÓRIO LÍRICO  
DE AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA**

Mario C. Newman de Queiroz (UFRRJ)  
[mcnqsofocles@terra.com.br](mailto:mcnqsofocles@terra.com.br)

INTRODUÇÃO

Ser de uma geração para a qual Aurélio é sinônimo de Dicionário, e diremos sempre dicionário com maiúscula, significa em parte que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira obteve em vida largo reconhecimento por seu trabalho. O que é muito diferente dos fantasmas que rondam a cabeça de um intelectual que intenta uma empresa grandiosa como a elaboração de um dicionário, como ficou enunciado na apresentação de seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* com relação aos dicionaristas do primeiro dicionário da Língua Portuguesa (1793), o da Academia das Ciências de Lisboa – que extinguiu as forças físicas dos seus três elaboradores e ficou na memória do povo apenas como motivo de zombaria, pois ficou interrompido na letra A, tendo como último verbete o verbo “azzurrar”.

Contudo, dissemos que obteve largo reconhecimento “em parte”, porque, passados alguns anos de sua morte, a face multiforme das preocupações intelectuais de Aurélio Buarque de Holanda tende a ficar ofuscada pela do famoso dicionarista. Como se esse autodidata de sucesso fosse importante apenas por essa que acabou sendo a face mais evidente. Ao lado do lexicógrafo, dicionarista, encontramos também o poeta, o prosador, o tradutor de contos e poesia, o historiador de literatura, o ensaísta. Lembrar da importância do ensaísta Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e empreender uma, ainda que breve, reflexão sobre o seu livro *Território Lírico* é o que intentamos realizar nesse momento oportuno.

**1. O livro**

*Território Lírico* sai publicado pelas Edições O Cruzeiro, em 1958, é uma reunião de artigos de Aurélio Buarque de Holanda de anos anteriores. Todos os artigos, 12 no total, versam sobre poesia, sobre o gênero lírico, sobre a arte e técnicas do verso, tomam como

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

objeto poemas da literatura brasileira e portuguesa principalmente, mas não escapam do campo de observação a poesia anglo-americana, tampouco a francesa. O leque de períodos abordados também é amplo de Camões aos contemporâneos, passando pelo árcaico Gonzaga, por românticos como Castro Alves, Edgar Allan Poe, por simbolistas como Antero de Quental, Mallarmé e os modernistas brasileiros e portugueses.

A diversidade de campo não esconde, contudo, a profunda unidade do livro. As abordagens se centram naquele ponto em que a análise da poesia mais se mostra sofisticada: o momento em que um detalhe do verso, quer na métrica, quer na escolha vocabular, conflui com a expressão maior do poema, com o sentido que é construído na totalidade do poema. É, pois, na artesanaria do verso que está a preocupação central de A. B. H. F em seu *Território Lírico*.

E, por isso mesmo, creio este livro se faz importante hoje (2009). Atualíssimo. Pois este ponto é um dos mais complexos de ser trabalhado no ensino de literatura, especificamente no estudo de poesia. É por essa razão um ótimo auxiliar para as tarefas do professor e do interessado em se aprofundar no estudo de poesia.

### ***2. As bases teóricas***

Ao nos indagarmos sobre as bases teóricas de que partem suas abordagens, devemos levar em conta duas coisas, primeiro a época, embora conte pouco mais de 50 anos, os estudos literários no Brasil à época ainda não haviam sido tocados pelos estudos formalistas que deram início à contemporânea teoria da literatura. Eles são mais ou menos contemporâneos aos primeiros influxos do *New Criticism*, da nova crítica no Brasil, presente já nas bases de *A Literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho (1955) e de *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido (1957). E vicejam num ambiente em que vigoram padrões críticos de acordo com os estudos tradicionais de poética.

Poucas referências encontramos de fontes teóricas quer literárias, quer lingüísticas ou gramaticais. Em ensaio sobre Fernando Pessoa, encontramos uma referência e citação, logo na introdução do texto, a Pius Servien (Piu-Serban Coculesco) (1902-1953), poeta ro-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

meno radicado na França e teórico da linguagem e da estética, hoje referência quase esquecida, e que também podemos encontrar como referência em texto igualmente de grande difusão à época e muito útil até hoje de M. Cavalcanti Proença, *Ritmo e Poesia* (1955).

Essa citação, no entanto, não parece mover a nossa percepção de que as análises de A. B. H. F. podem até ser enquadradas dentro da voga da nova crítica, pelo seu fechamento no texto, a atenção aos procedimentos de construção do poema como objeto estético. Mas que talvez seja mais correto situar as análises apresentadas em *Território Lírico* dentro de um campo mais tradicional dos estudos de poética, que buscam se ater à construção do texto em si como uma unidade orgânica tal como vemos na *Poética* de Aristóteles.

E essa aparente ausência de bases teóricas é que suscitam o comentário elogioso de Augusto Meyer, que prefacia o livro, caracterizando Aurélio como “o bom leitor, ao mesmo tempo agudo e ingênuo”. Longe de buscar na teorização bases para refletir sobre a poesia, é no próprio exercício dos poetas que ele formula essas bases, daí suas citações recaírem normalmente em nomes de poetas Poe, Bandeira, Mario, Drummond, Alfonso Reyes... como as autoridades em matéria de poesia. Traço que pode também aproximá-lo do *new criticism*, mas como não há referência aos teorizadores mestres do movimento, fica apenas em aberto a possibilidade.

### ***3. Por um princípio de comutação***

Por diversas vezes, refletindo sobre um verso, o uso de uma palavra, de uma preferência métrica, A. B. H. F. faz uso de um princípio de comutação. Para refletir sobre a excelência ou não de uma escolha faz a comutação por outra forma possível. Este procedimento é exemplar no caso da análise da transformação de um defeito em qualidade no poema “Sepultura Romântica” de Antero de Quental.

No segundo verso do soneto é preciso que se faça um hiato entre duas vogais átonas para que o verso permaneça decassílabo. O verso é assim: “Rugidor e monótono, e os ventos”. O normal é que ocorra sinalefa entre *e* + *os*, ficando o verso eneassílabo ou um decassílabo frouxo. Entenda-se aqui, decassílabo frouxo era como os parnasianos, por exemplo, chamavam um decassílabo mal feito, mal

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

arranjado, forçando a barra. Mas o verso frouxo de Antero é magistralmente defendido por Aurélio Buarque.

E o ponto central da argumentação está numa comutação que ele opera no verso, tornando-o um decassílabo perfeito. Pois, demonstra Aurélio, bastaria a inserção de um “onde”, que não alteraria a significação da sentença, para consertar a frouxidão do verso de Antero: “Rugidor e monótono, e onde os ventos”.

No entanto, se o onde corrige a métrica frouxa, estraga no parecer de Aurélio a beleza do poema todo. Pois o hiato forçado do segundo verso dita de certa forma o ritmo da leitura dos demais versos da primeira quadra. “Porque o hiato exprime ali a transição, a passagem para outro elemento do período – elemento este que por sua natureza exige mais demorada leitura” (p. 79).

O hiato, conforme Aurélio, gera um descanso da voz que por sua vez divide as duas forças da natureza em ação na quadra. A primeira, o quebrar das ondas com força súbita, num “cachão rugidor”; outra, dolente, vagarosa inicia-se com o hiato a apresentar o lamento dos ventos a se arrastarem sem ânimo pela vastidão das areias.

Leiamos então a quadra.

Ali, onde o mar quebra, num cachão  
Rugidor e monótono, e os ventos  
Erguem pelo areal os seus lamentos,  
Ali se há de enterrar meu coração.

E a observação de nosso homenageado.

Atente-se em como a brandura desse *e os* pronunciado em duas sílabas distintas corresponde à suavidade rítmica exigida por aquele gemido que se espria pelo areal. A-re-al: é para observar, aqui também, o excelente emprego do hiato, com que o poeta procura avivar a idéia de lentidão. (p. 80)

Esse é apenas um exemplo dentre outros apresentados em *Território Lírico* que nos ensina a pensar sobre aquele instante em que a métrica se torna profundamente significativa na construção do poema.

#### **4. Um grande poema de Manuel Bandeira**

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Os procedimentos de comutação e análise minudente feitos por Aurélio Buarque no brevíssimo “Andorinha” de Manuel Bandeira é também uma grande lição de leitura de poesia.

O poema é este.

Andorinha lá fora está dizendo:  
– “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!  
Passei a vida à toa, à toa...

Do paralelo sintetizado entre a vida do poeta e da ave em linguagem de tom simples, o professor Aurélio logo destaca a ausência de artigo antes de andorinha.

Não é *a* andorinha quem fala; nem *uma* andorinha. É andorinha, simplesmente, indeterminadamente. Muito feliz essa omissão do *a*: parecendo à primeira vista diminuir o pobre do passarinho, na realidade lhe dá maior relevo, humaniza-o, como convém à sua alta condição de confidente do poeta. (p. 49)

A seguir analisa o papel das iterações, dos termos que se repetem *à toa, à toa* servindo para evidenciar o desalento da confissão; e *andorinha, andorinha* para marcar a angústia do poeta a suplicar mesmo para simples passarinho a atenção para sua dor ainda maior que a dele.

O marcador de lugar *lá fora*, aponta na verdade para a oposição *lá e aqui* que marca a distribuição espacial do poema. Andorinha *lá fora*... diz do mundo desalentado e só do eu poético aqui dentro.

A análise de Aurélio finda com observações sobre a métrica dos quatros versos comparativamente e a constituição sonora especial do terceiro verso. Reproduzimos mais uma vez o mestre.

O primeiro verso é um decassílabo musicalíssimo. O segundo e o quarto, octossílabos. Neles se observa um paralelismo, de grande efeito. O terceiro verso, esse está fora do ritmo tradicional: é a combinação de um hexassílabo com um setissílabo – *minha cantiga é mais triste*. É o grande verso, aquele em que o poeta chama a atenção para a sua tristeza. Verso carregado de *nasais tristonhas* e de *ii* punitivos:

*Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!* (p. 50)

A caracterização do terceiro verso como fora do ritmo tradicional é chamar atenção para o momento em que o poema constrói

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

sua especial carga poética, fortalecida pela exploração do recurso sonoro da iteração do fonema /i/.

### **5. *Fernando Pessoa***

Leitor agudo, como o disse Augusto Meyer, o professor Aurélio trata num dos seus artigos de forma muito elogiosa, e sempre analiticamente, de um poeta que começava a ser comentado à época.

Costuma-se dizer, e não sem razão, que Fernando Pessoa foi descoberto e valorizado pela crítica brasileira muito antes do que o foi pela portuguesa. Dessa forma, muito antes de haver sido publicado em uma boa edição de larga difusão, escrevia já A. B. H. F. um artigo sobre esse português ainda pouco difundido, enaltecendo-lhe a alta qualidade de seu fazer poético, em outubro de 1949. Talvez tenha sido um dos primeiros textos publicados sobre Fernando Pessoa no Brasil. O primeiro texto de Dona Cleonice Berardinelli sobre Pessoa sairá em 1959, “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”, dez anos depois, portanto.

É ainda anterior à famosa biografia do poeta feita por João Gaspar Simões, que tanta importância teve para celebrar o nome e o mito do poeta, publicada em 1951. E não é exagero também dizer que por essa época mesmo em Portugal não havia muita coisa escrita sobre Pessoa.

Já havia, é verdade, a edição de cinco volumes finos pela editora Ática de Lisboa, das obras de Fernando Pessoa (ortônima), publicada em 1942; de Álvaro de Campos, em 1944; de Alberto Caeiro, 1946; *Odes*, de Ricardo Reis, em 1946; e de *Mensagem* (ortônima), em 1945. Edição que, embora chamada de *Obras Completas de Fernando Pessoa*, estava longe de reunir grande parte da obra de Pessoa. Mas era marca incontestante de que o poeta, falecido em 1935, já ganhava notoriedade. É a 2ª edição do primeiro volume, de 1943, que aparece citada no texto de A. B. H. F.

Ele analisa o poema.

Pobre velha música!  
Não sei por que agrado,  
Enche-se de lágrimas  
Meu olhar parado.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Recordo outro ouvir-te  
Não sei se te ouvi  
Nessa minha infância  
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva  
Quero aquele outrora!  
E eu era feliz? Não sei:  
Fui-o outrora agora.

É poema que retoma um tema dos mais comuns: “na idade madura, um homem, ouvindo certa música, entristece, à lembrança de tê-la ouvido quando menino; e deseja com uma ânsia raivosa, retornar ao passado” (p. 102). Mas uma nota de originalidade já ocorre, salienta Aurélio, uma ausência de certeza quanto a ter sido ou não feliz, mas quer retornar porque teve agora o sentimento de ter sido. Um poema que trata de questão bastante atual para a psicologia sobre o caráter também construído da memória.

Não reproduziremos aqui a análise feita. Apenas salientaremos que a análise recai sobre a escolha e a disposição das palavras, a construção das frases. E que nisso está a força da construção do poema de Pessoa que o distancia de tantos outros de temática semelhante.

Aurélio marcará, por exemplo, a importância do primeiro verso terminar em proparoxítona, pois deixa com que nas duas postônicas seguintes haja campo para a tristeza da evocação se espriar. A importância do verbo ouvir repetir-se para insistir no caráter auditivo da imagem. A força de um poema que se faz predominantemente com substantivos e palavras substantivadas. Não tenho como reproduzir aqui a análise que está tão bem feita e com tanta criatividade no original. Devemos salientar o quanto as análises feitas pelo nosso homenageado dizem da importância da criatividade do leitor no jogo da poesia.

Fica, portanto, a sugestão para a releitura deste livro, *Território Lírico*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, importante para o professor de literatura e para aqueles que gostam de poesia. Um pequeno livro que merece uma nova publicação.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Território lírico*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

———. Prefácio. **In:** ——. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 14ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.